

A Família Envolve-se no Jardim de Infância. Perceções dos Atores

Ana Rita Guilhermino da Silva¹ e Luís Mota²

Resumo

Este estudo discute as perceções dos atores – crianças e famílias – num projeto de investigação-ação, desenvolvido em 2018, em contexto de estágio, realizado no âmbito do Mestrado em Educação Pré-Escolar, e centra-se na relevância do envolvimento das famílias para a educação das crianças na segunda infância (três a seis anos). Visava promover uma maior articulação entre o jardim de infância e a família, implementando estratégias que contribuíssem para um maior envolvimento dos familiares no jardim de infância. Investigação de natureza qualitativa, com recurso a entrevista, tendo submetido os dados a análise de conteúdo. Regista-se o maior envolvimento das famílias, identificam-se os obstáculos, bem como o grau de satisfação das crianças.

Palabras-clave: Jardim de Infância; Educação de Infância; Família; Relação Família/Jardim de Infância.

Family Gets Involved in Kindergarten. Actors' Perceptions

Abstract

This study discusses the participants' perceptions – children and families – in an action research project, developed in 2018, in the context of an internship, carried out within the scope of the master's degree in Pre-School Education, and focuses on the relevance of the involvement of families for the education of children in second childhood (three to six years). It aimed to promote greater articulation between kindergarten and family, implementing strategies that

1 Centro De Apoio Social de Souselas. Email: anarita_gs@hotmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-9954-307X>

2 Instituto Politécnico de Coimbra, Escola Superior de Educação; Centro de Estudos Interdisciplinares, Universidade de Coimbra; NIEFI – Núcleo de Investigação em Educação, Formação e Intervenção. Escola Superior de Educação de Coimbra, Coimbra, Portugal. Email: mudamseostempos@gmail.com ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-4014-9590>

would contribute to a greater involvement of family members in kindergarten. Qualitative research, using an interview, having submitted the data to content analysis. There is a greater involvement of families, obstacles are identified, as well as the degree of children's satisfaction.

Keywords: Kindergarten; Childhood Education; Family; Family/Kindergarten Relationship.

La familia participa en el jardín de infancia. Percepciones de los actores

Resumen

Este estudio discute las percepciones de los actores - niños y familias - en un proyecto de investigación acción, desarrollado en 2018, en el contexto de una pasantía, realizada en el ámbito de la Maestría en Educación Preescolar, y se enfoca en la pertinencia de la implicación de las familias en la educación de los niños en la segunda infancia (tres a seis años). Tuvo como objetivo promover una mayor articulación entre el jardín de infancia y la familia, implementando estrategias que contribuyeran a una mayor participación de los miembros de la familia en el jardín de infancia. Investigación cualitativa, mediante entrevista, habiendo sometido los datos al análisis de contenido. Hay una mayor implicación de las familias, se identifican obstáculos, así como el grado de satisfacción de los niños.

Palabras clave: Jardín de Infancia; Educación Infantil; familia; Relación Familia/Jardín de Infantes.

Introdução

O presente estudo resulta de um projeto de investigação-ação desenvolvido num jardim de infância, durante o estágio de natureza profissional, realizado no contexto da unidade curricular de Prática Educativa I que visava a iniciação à prática profissional, no âmbito do Mestrado em Educação Pré-Escolar, frequentado na Escola Superior de Educação, do Politécnico de Coimbra. O mestrado vem na sequência de uma licenciatura em Educação Básica (seis semestres), tem natureza profissionalizante, característica que decorre do alinhamento do ensino superior (universitário e politécnico), em Portugal, com o designado processo de Bolonha, traduzido na sua organização em três ciclos e na adoção do European Credit Transfer and Accumulation System (ECTS) (Ferreira & Mota, 2019), datado do segundo lustro do século XXI (decreto-lei n.º 43/2007, 2007). Com a duração de três semestres e 90 ECTS, este 2º ciclo confere habilitação profissional para a docência em educação pré-escolar (decreto-lei n.º 79/2014, 2014).

A investigação tem como finalidade compreender de que forma é que a relação entre o jardim de infância e as famílias pode ser melhorada e, especialmente, que estratégias podem ser utilizadas, de modo a garantir uma aproximação efetiva. Para isso, é fundamental não só conhecer essa relação, identificar estratégias e aplicá-las, mas também compreender a perceção das famílias e das crianças. O foco neste artigo centra-se, especialmente, nessa perceção, uma vez que é central perceber como é que famílias experienciam e que importância atribuem a este envolvimento, bem como qual o entendimento das crianças relativamente à presença e implicação das famílias nas atividades desenvolvidas na sua sala.

Podemos afirmar que a família não está em crise, mas sim a passar por uma grande mudança, tanto a nível dos modelos familiares e representações, como no grau e configuração da dedicação à família, uma vez que atualmente existe um intenso foco no investimento pessoal. Assim, alguns fenómenos como a diminuição da fecundidade e a banalização e desdramatização do divórcio e da coabitação devem ser interpretados como um novo investimento na vida familiar, ao invés de serem interpretados como um declínio da família (Guerreiro et al., 2007).

Na Europa, a família começa a ser valorizada segundo padrões cada vez menos tradicionais, que eram acentuados pelos traços autoritários, patriarcal e institucionais das relações familiares, passando a recorrer a padrões modernos e mais diversificados. Assistimos a uma vida familiar em modalidades distintas, tanto a situações não tão realçadas, que se referem a quem está sozinho, com ou sem filhos, como a situações que se destacam claramente e que dizem respeito a um retrato familiar constituído pelo casal com ou sem filhos, a viver ou não com os ascendentes.

Desta forma, predominam, nos modos de vida em família, o casamento formal ou coabitação, consequência de um primeiro ou segundo casamento ou união de facto (Guerreiro et al., 2007).

Em Portugal, presenciamos um panorama idêntico, uma vez que o número de famílias monoparentais se mantém regulado, ao passo que os recasamentos e as recomposições familiares têm vindo a evidenciar-se de modo crescente. Este tipo de família é uma construção de uma nova conjugalidade, na qual a maioria tem filhos de relações anteriores e, conseqüentemente, menos filhos em comum, designados de filhos da recomposição (Guerreiro et al., 2007).

Neste sentido, a mudança que se experimentou a nível familiar fez com que se passasse de uma situação de elevada taxa de natalidade para uma situação de baixa taxa de natalidade, não fazendo reposição de gerações e, conseqüentemente, apresentando níveis de fecundidade baixos, mesmo relativamente à União Europeia (Guerreiro, 2014).

Com estas mudanças, consequência do pós-25 de Abril, ter filhos transformou-se numa escolha racional ao invés de um destino biológico a cumprir e, assim, menos filhos passou a significar um investimento maior e melhor na sua educação (Almeida & Ramos, 2018). Nesta perspetiva, a família começa a demonstrar cada vez mais empenho e preocupação com os interesses e necessidades da criança e a ter um envolvimento ativo diário, transmitindo proteção e amor (Gokhale, 1980), tornando-se num lugar de afetos e sentimentos e tende a ver a criança como um bem precioso (Abreu-Lima et.al, 2010).

Desta forma, as mudanças ocorridas na família, o lugar que a criança começa a ocupar, a mudança de mentalidades e as transformações no contexto educativo permitiram sobretudo um grande avanço no que toca à relação entre a escola e a família e na importância que lhe começa a ser atribuída (Montandon, 2001).

Da importância, para a família, de conhecer o trabalho desenvolvido pelos educadores ao contributo da sua presença, para que as crianças obtenham um melhor desempenho e um aumento da sua motivação, representam uma transformação qualitativa que conduz a que, naturalmente, a participação da família na instituição seja essencial (Marques, 2001). O envolvimento parental reporta-se, genericamente, às relações formais e informais que as famílias mantêm com as instituições educativas (OCDE, 2011), contudo, traduz, de igual modo, todas as formas de a família participar nas atividades da educação da criança, em casa, na comunidade e na escola (Sarmiento, 1992).

A família e o estabelecimento de educação pré-escolar constituem dois contextos sociais que contribuem para a educação da criança e, desta forma, é fundamental

que exista uma relação entre estes dois universos. Essa relação deve ser baseada na comunicação, podendo ocorrer tanto através de trocas informais, como em momentos planejados, de modo a que se conheçam as necessidades e expectativas educativas, se escutem as opiniões e as sugestões, se incentive a participação e, por fim, se estabeleça, de comum acordo, a melhor forma para que esta ocorra, de modo a contemplar a disponibilidade de cada uma (Silva et al 2016). Nesta perspectiva, deve existir um contacto permanente, recolhendo, trocando e interpretando informações específicas sobre ações, sentimentos, preferências, interesses e capacidades da criança, que estão sempre em constante evolução (Post & Hohmann, 2011).

Neste quadro, a confiança é o principal alicerce para a participação das famílias e, para que isso seja possível, é fundamental utilizar a informalidade como um instrumento (Homem, 2002), uma vez que, se a instituição utilizar uma linguagem seletiva, poderá complexificar a compreensão dos familiares, o que, de alguma maneira, mina a confiança na relação (Matos, 2012). Para transmitir esse apor de confiança, é fulcral prestar um serviço de qualidade, mostrando a atenção e a sensibilidade necessária para todas as inseguranças das famílias (Guzman, 2012).

No entanto, por mais estratégias que sejam implementadas pela instituição, a participação das famílias é dificultada por algumas questões que passam pelo poder, pelos valores, pela política e pela cultura e, por isso, nem todos têm as mesmas possibilidades e concepções sobre qual pode ser o seu papel e a sua possibilidade de agir de forma adequada (Homem, 2002).

Para quebrar esse obstáculo, o educador tem um papel fundamental que passa por conhecer a realidade e o contexto de cada família e, conseqüentemente, adequar o seu discurso, a sua atitude e a sua ação. Neste sentido, é pressuposto que todos os familiares percebam de igual forma o que é que o jardim de infância pretende transmitir e desenvolver em parceria, facilitando um encontro de culturas e saberes na comunicação entre a instituição e a família (Graça, 2019).

Enquadramento Metodológico

Caracterização do contexto do jardim de infância e do grupo de crianças

O estágio ocorreu num jardim de infância integrado numa Instituição Particular de Solidariedade Social (IPSS), situado no concelho de Coimbra. Esta instituição privilegia como modelo curricular a pedagogia de projeto, partindo das motivações e do envolvimento das crianças por uma determinada temática. Nesta abordagem, são as crianças que constroem o próprio projeto, ao passo que o educador somente coordena e orienta com o intuito de responder ao interesse do grupo. É uma abordagem totalmente flexível e proporciona o desenvolvimento da sensibilidade, da criatividade, da autonomia e da socialização.

A instituição utiliza o espaço interior de uma forma (muito) peculiar e pedagógica, promovendo a utilização rotativa das salas. A rotatividade mostra-se fundamental para a rentabilização dos espaços e dos materiais e assegura a possibilidade da sua utilização por todas as crianças, bem como diversifica as áreas específicas acessíveis às crianças, contribuindo para romper com uma certa monotonia. Revela-se, ainda, uma vantagem pela oportunidade de reforçar as relações entre as crianças, bem como entre as crianças e a equipa educativa. Este sistema favorece a organização, dado que cada sala é designada para um tipo de atividade, ou momento, facilitando a planificação e a organização da semana.

As salas acima referidas designam-se por sala das cores, sala dos cantinhos e o salão. A sala das cores é vocacionada para as atividades de expressão plástica, porém, também proporciona a área das ciências. A sala dos cantinhos está dividida em diversas áreas de jogo simbólico e, por fim, o salão encontra-se direcionado para as atividades de motricidade e de grande grupo. É de salientar que as três salas dispõem de jogos de mesa, jogos de construção, computadores e uma biblioteca.

Os destinatários do estudo constituíam um grupo de 22 crianças, 11 do sexo masculino e 11 do sexo feminino, com idades heterogéneas, dado que 16 crianças tinham cinco anos de idade, quatro possuíam quatro anos e duas apenas três anos. As crianças, de um modo geral, mostraram-se sempre muito confiantes, comunicativas, curiosas, participativas, relacionando-se muito facilmente com os adultos e sempre disponíveis e interessadas em partilhar as experiências que vivenciavam.

Metodologia

Este estudo enquadra-se numa investigação qualitativa e como estratégia recorreu-se à investigação-ação. Esta consistiu num envolvimento ativo da investigadora e, conseqüentemente, numa recolha sistemática de informação com o objetivo de promover mudanças sociais (Bogdan & Biklen, 1994). A estratégia mencionada foi adotada na modalidade de investigação-na/pela-ação, dado que se pretendia que fosse colaborativa e participativa e, nesse sentido, envolver a investigadora e a sociedade em estudo.

Como técnicas de recolha de dados convocaram-se a observação, a entrevista semidiretiva, realizada à educadora do grupo e às famílias que participaram nas atividades, e ainda a entrevista de grupo, designada de grupo focal, que envolveu todas as crianças da sala, enquanto atores sociais e destinatários do estudo (Dornelles & Fernandes, 2015; Fernandes, 2016; Fernandes & Marchi, 2020). Para o efeito, naturalmente, utilizaram-se um conjunto de instrumentos de recolha de dados, nomeadamente, o diário de bordo e os guiões de entrevista.

No tratamento dos dados, após a transcrição das entrevistas, procedeu-se à sua categorização, que diz respeito a uma codificação do texto em diversas categorias que podem ser decifradas tanto no modo narrativo, como reduzidas a tabelas ou quadros. Pretendeu-se, deste modo, reduzir o texto com o intuito de identificar e codificar as unidades de análise (Esteves, 2008). Na presente investigação, os conteúdos das entrevistas foram organizados em diversas categorias, sendo estas construídas de forma indutiva, possibilitando assim fazer um esboço de um mapa conceptual das áreas temáticas e ainda do sistema de categorias, através do guião (Amado, 2014).

O texto, espartilhado pelas diversas categorias, permitiu adquirir um novo agrupamento de dados, potenciou outras perspetivas dos mesmos e, deste jeito, conhecer outras opiniões que até então não eram visíveis. Este processo implicou muita atenção e sucessivas revisões. Posteriormente, foi fundamental não só definir e hierarquizar os temas, desde as categorias passando para as subcategorias e, eventualmente, alguns indicadores, mas também rever, reformular e aperfeiçoar o mapa conceptual (Amado, 2014). Com as fases concluídas, a matriz ficou, nesse momento, organizada em categorias, subcategorias, indicadores e unidades de registo³.

3 O presente trabalho constitui um recorte de uma investigação corporizada em relatório final de conclusão do Mestrado em Educação Pré-Escolar, no qual é possível consultar, em apêndices, os guiões das entrevistas realizadas, bem como as respetivas matrizes de redução de dados. O relatório final encontra-se disponível em: <https://comum.rcaap.pt/handle/10400.26/31144>.

A entrevista à educadora de infância

Previamente, algo que se revelou fundamental, realizou-se a entrevista à educadora. O objetivo foi conhecer melhor o ambiente educativo, a relação que existia entre a instituição e a família, bem como identificar as estratégias que, de acordo com as famílias, poderiam resultar numa aproximação⁴.

Constatou-se que, na conceção da educadora, o jardim de infância e a família representam dois contextos educativos. Nesta perspetiva, considera que a sua participação deve ser ativa, para que, em conjunto, contribuam significativamente para a educação da criança. O envolvimento das famílias, sublinhou, proporciona motivação na equipa educativa, maior confiança, cumplicidade e felicidade nas próprias famílias e, muito especialmente, um maior envolvimento nas crianças, possibilitando um trabalho de maior qualidade.

A comunicação constitui a estratégia chave no processo, potenciando os diálogos informais, as reuniões – espaço-tempo de divulgação e avaliação de todo o trabalho pedagógico e de feedback – individuais, ou gerais, e a participação das famílias nas atividades pedagógicas e nas festas, sem esquecer o correio eletrónico, com o envio das sínteses das reuniões aos familiares que estiveram ausentes. Não considerando os perfis de participação (Epstein, 2009; Perez-Navío, 2010), considera que o grau de participação depende sobretudo da disponibilidade das famílias, seja por questões de trabalho ou compatibilidade de horários.

Planificação da intervenção

A congeminação do projeto, e das suas atividades, foi pensada de modo a possibilitar a participação das famílias, tanto a nível da flexibilidade de horários, bem como pela liberdade de escolha da atividade que desejassem realizar. Os familiares que não participaram referiram o motivo, anotando-se, especialmente, a inflexibilidade de horários. Desta forma, foi possível a realização de seis atividades, nomeadamente, Brasil, Índia, música, experiências, truques de magia e ainda uma história (quadro 1).

4 Da análise da entrevista resultou um mapa conceitual organizado em duas categorias, “Perfil do Educador” e “Relação com a Família”. No primeiro caso, a categoria possui duas subcategorias – “Percurso Académico” e “Trajetos Profissionais” –, enquanto a categoria “Relação com a Família” apresenta três subcategorias e respetivos indicadores: “Importância da Família”, com os indicadores “Educação” e “Jardim”; a subcategoria “Participação no Jardim de Infância”, com três indicadores, “Estratégias de Incentivo à Colaboração”, “Como Colaboram” e “Grau”; finalmente, a subcategoria “Reuniões”, igualmente com três indicadores, “Início do Ano”, “Trimestrais” e “Fim de Ano”.

| ATIVIDADES | INICIATIVA | APRECIÇÃO |
|-------------|--------------------|---|
| Brasil | Mãe da criança 3 | Esta atividade consistiu na exploração da vida do navegador português, Pedro Álvares Cabral, através de imagens e utilizando o power point. Com esta exposição, a mãe deu a conhecer não só a ligação do navegador a Santarém, ao Brasil, bem como algumas curiosidades sobre Santarém, entre elas, onde está sepultado, a sua estátua e, ainda, alguns trajes, pratos e doces típicos da cidade. |
| Índia | Prima da criança 1 | Surgiu do interesse, por parte de uma prima, de proporcionar mais conhecimentos e curiosidades sobre os descobrimentos, realizando uma atividade sobre a Índia. Esta espalhou várias imagens pela sala relativas à navegação até à Índia e, posteriormente, procuraram e construíram uma história com as mesmas. |
| Música | Pai da criança 9 | Foi proporcionada a experimentação de um instrumento musical, o piano, acompanhada de algumas atividades musicais e determinados jogos. Estas atividades foram muito dinâmicas, uma vez que tinham diversos graus de dificuldade, o que possibilitou às crianças um grande momento de envolvimento. |
| Experiência | Mãe da criança 20 | Concretizaram-se quatro experiências com o propósito de observarem a libertação do dióxido de carbono. Para terminar, foi realizado um pequeno diálogo articulando o que tinham visto durante as experiências com a temática do meio ambiente. |
| Magia | Mãe da criança 17 | Realizaram quatro truques de magia e foi contada uma história designada de "Alfredo, os teus dentes metem medo". |
| História | Mãe da criança 4 | Possibilitou-se, ao grupo, a audição de uma história criada pela própria mãe. Posteriormente, foi disponibilizado algum material, nomeadamente, papel de cenário e marcadores, com o objetivo de dar liberdade às crianças de desenhar e pintar as personagens da história. |

Quadro 1 - Atividades realizadas pelos familiares

Para além das atividades mencionadas acima, foi desenvolvida uma atividade surpresa para comemorar o Dia da Família e ainda atividades que acompanharam toda a intervenção, como o placar das atividades e as narrativas de aprendizagem. Esta iniciativa partiu da educadora estagiária/investigadora, com o objetivo de integrar e estimular a participação tanto dos familiares, como do grupo.

| ATIVIDADES | APRECIÇÃO |
|----------------------------|---|
| Livro da Família | Foi proporcionada uma surpresa aos familiares por parte das crianças, que consistiu na apresentação de uma história alusiva ao tema da família. |
| Placar das Atividades | Partilhou-se o que era desenvolvido pelas famílias, de forma a estimular a participação das que ainda não o tinham feito, uma vez que, nele eram expostas algumas fotografias da atividade, uma pequena descrição da mesma e alguns comentários proferidos pelas crianças do grupo. |
| Narrativas de Aprendizagem | Facultou-se às famílias, conhecer o processo de aprendizagem da criança, sob forma de as envolver. |

Quadro 2 - Atividades realizadas pela educadora estagiária/investigadora

Apresentação e análise das entrevistas às famílias

| CATEGORIAS | SUBCATEGORIAS | INDICADORES |
|-------------------------|------------------------------|---|
| Atividades | Desenvolvimento | |
| | Sentimento | |
| | Ansiedade | Positivo Negativo |
| Crianças | Envolvimento | |
| | Aprendizagem | |
| | Comportamento dos familiares | Entusiasmo Timidez Casa Distraído |
| Participação da família | Importância | Satisfação Desenvolvimento Enriquecer |
| | Relação escola-família | |
| Papel da estagiária | | |

Quadro 3 - Mapa Conceptual da entrevista realizada às famílias

O mapa conceptual, apresentado acima, evidencia a análise da entrevista realizada aos familiares das crianças. A primeira categoria “Atividades”, apresenta três subcategorias que dizem respeito ao Desenvolvimento, ao Sentimento e ainda à Ansiedade. Relativamente ao desenvolvimento, as diversas atividades correram de uma forma positiva, umas mais expositivas, outras mais interativas, e nesse sentido, umas experimentaram dificuldades em gerir o comportamento do grupo, outras lidaram com as dificuldades em controlar a participação do grupo. O sentimento descrito pelos entrevistados, se por um lado os une, uma vez que foi de satisfação e gratificação, dado que esta participação os levou a serem estimulados e desafiados a proporcionar uma atividade ao grupo, por outro, separa-os uma vez que, a mãe da C4, por exemplo, demonstra vontade em participar mais vezes, enquanto a mãe da C17 manifestou a opinião de que deve existir moderação nessa participação. A ansiedade referida durante a entrevista foi definida pela mãe da C17, tanto positiva como negativa porque, apesar de não a deixar desconfortável e de referir que o nervosismo faz parte, as atividades requeriam perfeição e confiança e, desta forma, teve algum receio que algo corresse mal. Ao invés, a prima da C1 experienciou a ansiedade como negativa, devido ao facto de a fazer sentir insegura, no entanto, com o decorrer da atividade, a insegurança foi-se dissipando.

A categoria “Crianças” surge organizada em três subcategorias, o Envolvimento, a Aprendizagem e, ainda, o Comportamento dos familiares. Na primeira subcategoria, podemos destacar o enorme envolvimento, interesse e vontade de participar por parte do grupo de crianças. É de salientar que, para alguns familiares, esta participação

beneficia, uma vez que os estimula e apoia para vencer a vergonha e a timidez. Na aprendizagem das crianças, de acordo com os familiares, foram estimuladas e despertadas a nível cultural e social, bem como no que toca à música e à imaginação. Finalmente, na terceira e última subcategoria, podemos recolher dados dos comportamentos das crianças, perante as atividades realizadas pelos seus familiares, relativamente aos indicadores Entusiasmo, Timidez, Casa e, por fim, Distraído. No que concerne ao Entusiasmo, se por um lado a C3 se sentiu entusiasmada e quis mostrar aos colegas que sabia muito sobre a vida de Pedro Álvares Cabral, a C20 mostrou-se muito interessada, mas também compreensiva, uma vez que, para além do grande desejo que tinha em participar, deu possibilidade aos colegas de o fazer. Em relação à Timidez, a C4 ficou mais tímida com a presença dos familiares e a requerer mais a sua atenção. O indicador Casa evidencia, especialmente, o comportamento de duas crianças, em que a C9 quis dar sugestões em casa sobre a atividade que o familiar iria proporcionar no jardim de infância, por outro lado, a C17, ao conhecer em casa os truques de magia que o familiar iria realizar, manifestou interesse e vontade em intervir e ajudar durante a sua realização. Finalmente, a Distração, adotada por duas crianças, ainda que na sua origem encontremos motivos distintos. A C17 mostrou-se distraída porque já conhecia todos os truques de magia que o familiar iria realizar. Já a C1, que também demonstrou essa distração, mas que o familiar afirmou ser esse o seu normal e, por isso, não terá fugido do que é considerado o seu comportamento habitual.

A terceira categoria “Participação da família” está dividida em duas subcategorias, nomeadamente a Importância dessa mesma participação e a Relação que existe entre a instituição e a família. Na primeira subcategoria, podemos afirmar que as famílias referiram a importância desta participação no que toca à satisfação da criança, ao seu desenvolvimento e, ainda, ao seu enriquecimento, dado que as estimulou, proporcionou bem-estar e fortaleceu os laços afetivos. Na segunda subcategoria, foi possível observar que consideram fundamental que se motivem os familiares a proporcionar atividades ao grupo, ao invés de os contrariarem a participar em algo que não lhes agrada, deixando-os desconfortáveis. Não se deve, no entanto, deixar de considerar o posicionamento da mãe da C17, que sustenta que deve existir alguma moderação nessa participação, já que, na sua opinião, as crianças têm de resolver os problemas do jardim de infância, sozinhas ou com os amigos e a educadora, sem a intervenção excessiva dos familiares.

Por fim, a quarta categoria diz respeito ao papel da estagiária, que, na opinião dos familiares, desenvolveu um bom projeto, com um bom tema, juntando a brincadeira, que é fundamental, com a parte da aprendizagem de forma lúdica.

Apresentação e análise das entrevistas com as crianças

| CATEGORIAS | SUBCATEGORIAS |
|---------------------|--------------------------|
| Presença da família | Satisfação |
| | Vontade |
| | Ausência |
| Atividades | Satisfação |
| | Mais gostaram |
| | Menos gostaram |
| | Conhecimentos adquiridos |

Quadro 4 - Mapa Conceptual do focus group

O Quadro 4, com o mapa conceptual, permite analisar de forma global os resultados dos focus group realizados com as crianças. A primeira categoria “Presença da família”, apresenta três subcategorias que dizem respeito à Satisfação, à Vontade e à Ausência. Constatou-se que as crianças gostaram da presença das famílias e mostraram não só satisfação e vontade de as receber com mais frequência, como também mencionaram o motivo da ausência por parte de algumas.

A segunda categoria “Atividades” organiza-se em quatro subcategorias como a Satisfação, as Mais apreciadas, as Menos apreciadas e ainda os Conhecimentos adquiridos.

Durante as atividades, o grupo mostrou muito entusiasmo e referiu quais as que tinham apreciado mais, elencando, ainda, as que tinham gostado menos. Finalmente, existiram duas atividades que, literalmente, dividiram opiniões. Encontram-se nesta situação as atividades conduzidas pelo pai da C9 e pela mãe da C20.

Para algumas crianças, a atividade desenvolvida pelo pai da C9 foi “adorável”, porque tiveram oportunidade de ver e experimentar o piano, aprender diversas canções que não conheciam e realizar ainda alguns jogos. No polo oposto, um conjunto de crianças considerou-a como a menos estimada, seja pela escolha das músicas ou pelo tempo que demoraram a aprender as letras e ainda pelos jogos que começavam sempre pelas meninas.

De igual modo, a atividade realizada pela mãe da C20 dividiu o grupo. Enquanto um conjunto de crianças referiu o envolvimento e o interesse das experiências, valorizando, simultaneamente, os conhecimentos que conseguiram adquirir, outras manifestaram o seu desagrado e até medo, dado que uma criança mencionou que tinha ouvido que podiam queimar e magoar algumas pessoas.

Por fim, é de salientar que durante toda a participação das famílias, as crianças não só demonstraram envolvimento e satisfação, como interesse em adquirir novos conhecimentos.

Considerações Finais

A presente investigação surge da curiosidade em compreender como se desenvolvia a relação entre o jardim de infância e a família, na instituição onde se realizou o estágio no âmbito da Introdução à Prática Profissional. Definiu-se, para o efeito, uma pergunta de partida: “Como posso promover uma maior articulação entre o jardim de infância e a família?”.

Ao longo do estágio, foi possível observar, analisar e conhecer não só como era o funcionamento da instituição, mas também a sua relação com as crianças e os familiares. Aprofundou-se esse conhecimento promovendo uma entrevista com a educadora cooperante, o que permitiu identificar dois obstáculos à participação das famílias no jardim de infância, a incompatibilidade de horários e a insegurança, bem como a estratégia principal mobilizada pela educadora para a participação dos familiares, a comunicação, reconhecendo a importância do seu envolvimento para o desenvolvimento das crianças.

A percepção da educadora revelou-se essencial para elaborar e desenvolver um projeto recorrendo a diversas atividades e estratégias que, de forma geral, aproximaram a relação entre as famílias e o jardim de infância e envolveram pais e familiares no processo educativo das crianças, constituindo, visivelmente, uma mais-valia para uma participação mais ativa e frequente.

Com a percepção dos familiares das crianças, foi possível concluir que, apesar da satisfação durante as atividades, a ansiedade esteve presente e foi vivenciada de duas formas distintas. Se, por um lado, um conjunto de familiares a sentiram de uma forma positiva, uma vez que os levou a fazer uma preparação prévia e cuidada antes de realizar a atividade, para outros, essa ansiedade foi sentida de uma forma negativa, pelo facto de os bloquear e impedir de usufruir, de forma cabal, da experiência. Para que essa ansiedade não seja sentida como algo negativo, é fundamental que exista diálogo com os familiares para que haja uma maior confiança e aproximação à instituição, apoiando-os e convidando-os com regularidade, para acompanharem o dia a dia na instituição e observarem a melhor forma de atuar com o grupo em questão. Note-se que, quanto mais conhecimentos tiverem do grupo, melhor irá correr a atividade, uma vez que cada grupo demonstra interesses diferentes e, se

formos ao encontro desses interesses, a atividade irá desenrolar sem problemas e com total entusiasmo e empenho.

É de destacar, de igual modo, que a posição das famílias relativamente à importância da participação também se divide, dado que, se por um lado, uns são a favor da participação, mencionando os seus benefícios, há quem sustente que, apesar de ser bom, esta participação tem de ser bem ponderada. Para esclarecer esta ponderação, argumenta-se que os pais são demasiado participativos, trazendo benefícios e malefícios, devendo, por isso, ser esporádico ao invés de rotineiro, pois as crianças têm de desenvolver uma identidade própria e serem elas próprias a resolver as situações e os problemas com os amigos ou com a educadora, devendo apenas extrapolar para as famílias quando se tratar de algum assunto de natureza mais grave. De forma geral, foi visível a felicidade dos familiares por participarem no processo educativo dos filhos em contexto de jardim de infância, sentindo-se mais próximos e integrados.

Já a perceção das crianças mostrou uma perspetiva muito semelhante, uma vez que demonstraram muita satisfação na participação dos familiares na instituição e, apesar de haver famílias que não o puderam fazer, as crianças reconheceram e compreenderam os motivos. As atividades preferidas foram sem sombra de dúvida as mais práticas e, em contrapartida, as que menos gostaram foram as atividades mais expositivas. Foi notória a felicidade e satisfação extrema que tiveram oportunidade de sentir, por vivenciarem mais frequentemente, com a participação por parte do familiar/familiar do amigo.

Por fim, uma outra investigação a realizar futuramente passa pela análise de forma cuidada e detalhada, na qual está inserida a criança e a família, como as suas crenças, os seus costumes e as suas tradições. Reconhecendo essa diversidade, podemos não só analisar de que forma é que isso interfere na relação entre os familiares e a instituição, mas também como podemos encorajar a sua participação para que se sintam úteis e parte integrante do desenvolvimento e educação da criança. Este estudo torna-se benéfico na medida em que, enquanto educadores, temos o dever de observar, conhecer, compreender, respeitar e adequar toda a prática à individualidade de cada criança e de cada família e, desta forma, aumentar de forma positiva a confiança, a comunicação e a participação dos familiares.

Referências

- Amado, J. (Coord.) (2014). *Manual de Investigação Qualitativa em Educação*. Coimbra: Imprensa da Universidade.
- Abreu-Lima, M. I., et.al. (2010). Avaliação de intervenções de educação parental. Relatório 2007-2010. Consultado em setembro, 2021, em <https://www.cnpdpj.gov.pt/documents/10182/14804/Avalia%C3%A7%C3%A3o+de+Interven%C3%A7%C3%B5es+de+Educa%C3%A7%C3%A3o+Parental/3adb734e-d851-40d0-bebd-12de4da307e9>
- Almeida, A. N., & Ramos, V. (2018). As crianças nas famílias em Portugal. Em C. Ponte et. al, *Boom Digital? Crianças (3-8 anos) e ecrãs* (pp. 15-34). ERC.
- Bogdan, R., & Biklen, S. (1994). *Investigação Qualitativa em Educação: uma introdução à teoria e aos métodos*. Porto: Porto Editora.
- Decreto-lei n.º 43/2007 (2007, 22 de fevereiro). *Diário da República*. 1ª Série, 38, 1320-1328.
- Decreto-lei n.º 79/2014 (2014, 14 de maio). *Diário da República*. 1ª Série, 92, 2819-2828.
- Dornelles, L., & Fernandes, N. (2015). Estudos da criança e pesquisa com crianças: Nuances luso-brasileiras acerca dos desafios éticos e metodológicos. *Currículo sem Fronteiras*, 15(1), 65-78.
- Epstein, J. L. (2009). *School, Family and Community Partnership. Your handbook for action*. Sage.
- Esteves, L. (2008). *Visão Panorâmica da Investigação-Ação*. Porto: Porto Editora
- Fernandes, N. (2016). Ética na pesquisa com crianças: ausências e desafios. *Revista Brasileira de Educação*, 21(66), 759-779.
- Fernandes, N., & Marchi, R. (2020). A participação das crianças nas pesquisas: nuances a partir da etnografia e da investigação participativa. *Revista Brasileira de Educação*, 25, 1-16 <http://dx.doi.org/10.1590/S1413-24782020250024>
- Ferreira, A. G., & Mota, L. (2019). The training of educators and teachers in Portugal in the framework of the European space for education and training (2007-2018). Em C. P. Albuquerque et al., *Higher Education After Bologna. Challenges and Perspectives*. (pp. 179-198). Coimbra: Imprensa da Universidade.
- Gokhale, S. D. (1980) A família desaparecerá? *Revista debates sociais*. XVI(30). Rio de Janeiro: CBSSIS.
- Graça, F. (2019). O jardim de infância como rede apoio às necessidades das famílias no exercício da sua parentalidade Conceção de um projeto de intervenção. Lisboa: ISCTE.
- Guerreiro, M. D., Torres, A., & Capucha, L. (2007). Famílias em mudança, configurações, valores e processos de recomposição. Em M. D. Guerreiro, A. Torres & L. Capucha (Orgs.), *Quotidiano e qualidade de vida, Portugal no contexto europeu*. Lisboa: Celta Editora.
- Guerreiro, M. L. (2014). Família: Valores & Práticas. *Revista Cidade Solidária*, 32, 6-13.
- Guzman, M. (2012). Quando as famílias entram na escola. *APEI, Cadernos de Educação de Infância*, 97, 16-19.
- Homem, M. L. (2002). *O Jardim de Infância e a família: As fronteiras da cooperação*. Lisboa: Instituto de Inovação Educacional.
- Marques, R. (2001). *Educar com os Pais*. Lisboa: Editorial Presença.

- Matos, M. (2012). Reuniões de pais e trabalho com famílias. APEI, Cadernos de Educação de Infância, 97, 47-50.
- Montandon, C. (2001). O desenvolvimento das relações família-escola, problemas e perspectivas. Em P. Perrenoud & C. Montandon, *Entre Pais e Professores, um diálogo impossível?* Oeiras: Celta Editora.
- OCDE (2011). *Starting Strong: early childhood education and care III*. Paris: OCDE.
- Pérez-Navío, E. (2010). *Sociedad, familia y educación*. Jaén: Joxman.
- Post, J., & Hohmann, M. (2011). *Educação de Bebés em Infantários: cuidados e primeiras aprendizagens*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Sarmiento, T. (1992). *As práticas de envolvimento de pais em Jardins-de-Infância. Um Estudo de caso*. Braga: Universidade do Minho.
- Silva, I., Marques, L., Mata, L., & Rosa, M. (2016). *Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar*. Lisboa: Ministério da Educação/ Direção-Geral da Educação.